

# INTERCULTURALIDADE E O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESPANHOLA EM ESCOLAS DO NÍVEL MÉDIO: AS FESTAS RELIGIOSAS CRISTÃS COM BASE INTERACIONISTA

Luiz Henrique Wink<sup>1</sup>

Prof.<sup>a</sup> Flávia Farias de Oliveira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho pretendemos demonstrar que o ensino-aprendizagem de língua estrangeira para estudantes brasileiros, em particular ELE (Espanhol Língua Estrangeira), deve acontecer com uma prática docente em que seja adotada uma perspectiva intercultural. Para tanto, analisaremos este ensino partindo da premissa que a aquisição, desenvolvimento e interação em uma outra língua se dá concomitantemente por uma reflexão sobre a cultura de seu país, bem como pela cultura da língua meta. Adotaremos uma metodologia indutiva, com a pesquisa bibliográfica, e análise de textos específicos sobre cultura e ensino de ELE em um livro didático do nível médio. O professor de língua estrangeira necessita uma visão interculturalista (SERRANI, 2010), na qual reflita sobre a significação de sua cultura, com suas variedades, tradições e simultaneamente discutir a pluralidade cultural do mundo hispânico. Portanto, ao partir da experiência da sua própria língua, o estudante se aprofundará nos códigos, valores, costumes e crenças dos hispano-falantes (SOLER-ESPIAUBA, 2006). Dentro da perspectiva intercultural, as festividades religiosas são um caminho para o desenvolvimento do aprendiz em direção à língua meta, pois com a manifestação popular se produzem maiores processos de identificação. Movimento que não é possível a partir de um tratamento instrumental da língua, ou seja, nos atos repetitivos do seu cotidiano de trabalho (SOLER-ESPIAUBA, 2006).

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura. Língua estrangeira. Festividades. Interculturalidade. Ensino.

**RESUMEN:** En este apartado pretendemos demostrar que la enseñanza-aprendizaje de lengua extranjera para estudiantes brasileños, especialmente la ELE (Enseñanza del Español Lengua Extranjera), debe ocurrir con una práctica docente en que sea adoptada una perspectiva intercultural. Por lo tanto, analizaremos esta enseñanza partiendo de la premisa que la adquisición, desarrollo e interacción en una lengua otra, se le ocurre juntamente a una reflexión sobre la cultura de su país y por supuesto de la lengua meta. Adoptaremos una metodología inductiva, con una investigación bibliográfica, y el análisis de textos específicos sobre la cultura y enseñanza de ELE en un libro didáctico del nivel medio. El profesor de lengua extranjera necesita tener una visión interculturalista (SERRANI, 2010), en la que haga una reflexión sobre su significación en su cultura, con sus variaciones, tradiciones, y simultáneamente hacer una discusión sobre la pluralidad cultural del mundo hispánico. Por lo tanto, al empezar con la experiencia con su propia lengua, el estudiante podrá comprender los códigos, valores, costumbres y creencias de los hispano-hablantes (SOLER-ESPIAUBA, 2006). Así que, en la perspectiva intercultural, las festividades religiosas son un camino hacia el desarrollo del estudiante en dirección hacia la lengua meta, pues con la manifestación popular se producen mayores procesos de identificación. Este movimiento no es posible partiendo de un enfoque instrumental de la lengua, o sea, en los actos repetitivos del cotidiano del trabajo (SOLER-ESPIAUBA, 2006).

**PALABRAS CLAVE:** Cultura. Lengua extranjera. Festividades. Interculturalidad. Enseñanza.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso Licenciatura em Letras – Habilitações Português-Espanhol na Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE.

<sup>2</sup> Orientadora – Docente – DL - UFRPE.

## INTRODUÇÃO

Ensinar língua estrangeira, eis um desafio muito maior do que se pode imaginar, principalmente quando essa língua possui diversas similaridades com a língua materna, porque provém de um mesmo ramo linguístico, sendo considerada pelo aprendiz como uma língua fácil. Falamos do ensino de língua espanhola (doravante ELE – espanhol como língua estrangeira) para estudantes brasileiros. Compartilhamos a ideia que o ensino dessa língua vai muito além da simples aplicação de novas estratégias didáticas, dinâmicas de grupo ou o uso de novas tecnologias. Entendemos que ensinar uma língua estrangeira implica sabermos qual concepção de língua utilizaremos em nossas aulas, já que a forma como a concebemos definirá como entendemos o processo de ensino-aprendizagem.

Ensinar língua como um lugar de interação social, lugar onde a língua é heterogênea, está sempre em movimento, nos leva a defender um ensino no qual a cultura é um elemento primordial. Entendemos que as línguas são parte do constructo sociocultural e histórico que constitui os povos, por isso a necessidade de se trabalhar língua e cultura na prática docente conforme a indissociabilidade que lhes é constitutiva.

Defendemos uma prática de ensino multicultural e intercultural (SERRANI, 2010), na qual o aluno compreenda, se aproprie, amplie e tenha um relacionamento concreto sobre o que é o viver do outro, outra língua, sentindo-se tomado por essa nova cultura, uma vez que a partir da indissociabilidade entre língua e cultura, aprende-se e desenvolve-se a enunciação na língua meta.

A cultura da qual falamos não se trata daquela em que somente alguns poucos privilegiados fazem parte. Os quais ao participar de manifestações culturais, exposições artísticas têm como intuito somente a promoção de um aspecto isolado de uma nação ou de um povo. Nem tampouco se resume aos termos mais simples, ou seja, qualquer manifestação de um povo é considerada cultura (DE NARDI, 2007).

*“Entendemos seja fundamental, portanto, compreender cultura não como um espaço de registros inertes – em que o papel do sujeito se restringe ao reconhecimento e à aceitação – mas como lugar de interpretação.”* (DE NARDI, 2007, p. 54) ensino de língua como cultura, não estanque, mas viva e transformadora,

desafiadora, que causa mudança, choques, estranhamento, mas que, ao mesmo tempo integra.

Essa ampliação do sentido de cultura, de sua própria cultura, levará o aprendiz a conhecer e perceber a necessidade de uma interculturalidade (SERRANI, 2010). A interculturalidade tornará o aprendiz apto para a realização de práticas de mediações socioculturais, que contemplam o tratamento de conflitos e contradições sociais (SERRANI, 2010). Tais conflitos são naturais na aprendizagem de uma segunda língua, uma vez que a língua materna não pode simplesmente ser deixada de um lado do cérebro, não pode ser retirada simplesmente do aprendiz (CELADA, 2002).

Interagir em outra língua, não significa perder a sua materna, uma vez como nos mostra claramente Marcuschi que “[...] o falante de uma língua deve fazer-se entender e não explicar o que está fazendo com a língua.” (MARCUSCHI, 2008, p. 57). Esse fazer-se entender está ligado à cultura do aprendiz, às discursividades que são próprias de sua cultura, portanto o aluno deve buscar fazer-se entender também na cultura que deseja, almeja aprender e principalmente construir enunciados a partir de uma situação social mais imediata (BAKHTIN, 1998).

Essa cultura tem sido colocada em aulas de ELE com estereótipos. Esse estereótipo que procura aplicar a cultura como base, tem transformado as aulas em uma tentativa de se aprender língua estrangeira – em nosso caso o espanhol – como uma língua perfeita, em que todos os falantes utilizam corretamente a norma culta. Dessa maneira temos uma interpretação errônea do que seja cultura, tornando-a simplificada, em que se ensinam certas expressões instrumentais utilizadas principalmente no comércio e diversão, tais como: *¿quieres um café? ¿cuánto cuesta este pantalón?*

Esse tipo de ensino leva a imitação pura e simples do modo de falar, de se vestir, considerado como ideal, e em muitos casos levando ao aprendiz a menosprezar a sua própria cultura.

Como se todos falassem, se vestissem e celebrassem uniformemente todas as manifestações culturais. De acordo com De Nardi (2007) essa cultura não pode ser vista como tradição, ao contrário, deve ser vista além de simples manifestação cultural. Cultura como espaço de criticidade, onde o conhecimento do outro levará o aprendiz a questionar o porquê de se expor um fato cotidiano, seu jeito de se vestir, de participar de atividades sociais e religiosas.

Esses estereótipos impedem o professor e conseqüentemente o aluno, de alcançarem a imersão na língua meta, como um sujeito que interage, pois, o estereótipo pensado como um auxílio facilitador para a compreensão do outro destrói a realidade do outro, como bem explicou Homi K. Bhabha:

O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma presa fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a *representação* do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais. (BHABHA, 1998, p. 117).

Vimos assim, que o ensino de língua pode e deve ser realizado com os aspectos culturais de um povo. Portanto, entendemos que as manifestações religiosas cristãs, podem ser uma maneira significativamente agradável para o ensino de ELE, pois tratará de algo que é inerente ao ser humano, ou seja, sua religiosidade. Essa religiosidade está muito presente em ambos os povos (brasileiros e hispânicos, seja peninsular ou latino americano) proporcionando a oportunidade de realização de debates entre os aprendizes, levando-os a se expressarem em sua língua materna de maneira natural e espontânea.

Ao compreender em sua língua como se dão essas festividades, elas o levarão a questionar as diferenças que existem nessa mesma manifestação cultural na língua pela qual almeja ser tomado. Como sabemos, os gêneros textuais são diversos e toda produção verbal acontece em uma situação de interação social, ou seja, o falante está interagindo com outro, e nas festas religiosas essa interação se torna mais espontânea.

E, ao se tornar mais espontânea poderá fazer com que o imaginário do aprendiz procure na outra língua algo que talvez queira dizer na sua e não consiga. Isso não quer dizer que o aprendiz possa esquecer completamente a sua língua materna, mas, que ele pode enriquecer a sua cultura (religiosa) e também, principalmente em outros aspectos intensificar e desenvolver sua capacidade linguística.

Nossa proposta de incluir as festividades religiosas cristãs no ensino de língua estrangeira, segue a linha de pensamento de Serrani que propõe que nos projetos pedagógicos, currículos, planejamentos sejam incluídos: “[...] de forma explícita e destacada, materiais linguístico-discursivos correspondentes a territórios, momentos, grupos sociais e legados culturais que permitam um enfoque culturalmente

*heterogêneo.*” (SERRANI, 2010, p. 32). No que entendemos que se “encaixa” perfeitamente as festas mencionadas.

Neste ponto, voltamos a insistir que na interculturalidade o estereótipo não tem como se enquadrar. Uma vez que as manifestações religiosas são em sua maioria verdadeiras, e também heterogêneas, tendo aí a sua riqueza tanto cultural como social. Então, o estereótipo que é uma *“falsa representação de uma dada realidade”* (BHABHA, 1998, p. 117) não se manifesta na interculturalidade, pois essa, possui enunciados próprios da comunidade linguística a qual pertence, sendo portanto enunciados característicos dessa comunidade.

Ao procurar dialogar com as diferenças e semelhanças existentes entre os aspectos religiosos e culturais presentes nestas festas, o aprendiz poderá desenvolver sua capacidade crítica, observadora e interpretativa. Esse diálogo partindo do princípio que o aluno não está somente conhecendo uma festa, mas com base em sua cultura pode interagir com ela, pois a mesma também existe em seu país, o levará a uma procura por interpretações diversas em sua língua, bem como na outra, criando assim essa troca de informações em seu pensamento, ajudando-o na aprendizagem da língua meta.

Assim sendo, podemos observar que a interculturalidade é de fundamental importância para o ensino de língua estrangeira. E em nosso caso ELE, se torna ainda mais significativo, pois, de acordo com Paraquett e com o Conselho de Europa, define-se interculturalidade como: *“a interrelação ativa e a interdependência de várias culturas que vivem em um mesmo espaço geográfico.”* (PARAQUETT, 2010, p. 144). Conforme essas colocações, e de acordo com as nossas condições geográficas de fronteira com vários países de fala hispânica, o intercultural se torna necessário para o ensino-aprendizagem de língua estrangeira.

Com base nisso, tomaremos como exemplo de uma prática de ensino intercultural as festas cristãs que são comuns tanto a brasileiros como hispano-falantes, como por exemplo a festa dos reis Magos: uma tradição cristã muito enraizada em nossa cultura. Ela conta a história de três magos que vieram do Oriente após estudarem as estrelas e notarem o surgimento de uma nova. Após essa descoberta, que constava de antigas profecias, esses magos seguiram até Jerusalém, e posteriormente para Belém, que segundo a tradição cristã era o local onde nasceria

o salvador do mundo, conhecido como o “*Messias*”. Nessa viagem os três reis magos levaram em sua bagagem diversos presentes: mirra, ouro e incenso.

Então, a partir do crescimento do cristianismo em todo o mundo, criou-se uma tradição (a entrega de presentes entre as pessoas) que também pode ser chamada de cultura, no sentido em que se mantém como uma interação social e linguística até os dias de hoje. Nos países hispânicos, é uma data muito esperada pelas crianças, sendo comemorada no dia 06 de janeiro, pois, os mesmos esperam receber presentes neste dia e acreditam que os recebem dos Reis Magos. De outro modo no Brasil, existem algumas diferenças simples, pois os presentes não são entregues nesta data, mas no dia de Natal, sendo entregue pela figura simbólica de papai Noel.

Partindo de um estudo em uma perspectiva intercultural, temos uma grande oportunidade de trabalhar essas diferenças e empreender junto com os alunos uma pesquisa muito interessante sobre esse tema. Essa pesquisa os levaria a perceber que existe um modo distinto de cada povo relacionar-se com essas festas.

Portanto, “[...]cultura implica, definitivamente, espaços de criticidade, lugares de interpretação, sem isso é reprodução irrefletida de movimentos mecanizados.” (DE NARDI, 2007, p. 56). Nossa motivação para ensinar ELE nessa perspectiva é porque partilhamos de um ensino de língua estrangeira com base interculturalista, ou seja, que o professor ao ensinar seja sensível aos processos discursivos (SERRANI, 2010), e esses processos discursivos necessariamente devem estar relacionados à identidade cultural do aprendiz de ELE, posta em diálogo com a cultura da língua estrangeira.

Partimos da hipótese de que as festas religiosas podem ser proveitosas para a aprendizagem de língua espanhola, por sua diversidade dentro do processo histórico e político que as cercam, levam-nos a propor a sua utilização na prática docente intercultural de ELE.

Isto posto, objetivamos refletir sobre os aspectos culturais, em uma perspectiva interculturalista, durante o processo de aprendizagem de ELE. Utilizando uma pesquisa bibliográfica, trataremos da questão do ensino de ELE a partir de uma perspectiva intercultural, tomando como base os pressupostos de enunciados dialógicos conforme Bakhtin (1998). Ao propormos hipóteses de ensino-aprendizagem com a participação do aprendiz partindo concomitantemente de sua cultura e da cultura meta, o aluno poderá inscrever-se nos discursos que se

materializam na outra língua. Língua essa que deseja aprender, compreender e fazer-se compreender nos processos de interação social.

Portanto, compreendemos que é relevante esse ensino de ELE dentro de uma perspectiva intercultural, participativa, ativa e permanente, enfatizando uma vez mais que a sua realização deverá ser sem a utilização de estereótipos. Tentando também romper com a construção e ratificação de estereótipos. Pois ao propormos a utilização de festividades cristãs no ensino-aprendizagem de ELE, colocamos a língua dentro do que lhe é próprio, ou seja, a sua heterogeneidade, uma vez que o falante é quem tem o controle sobre a língua e não a gramática normativa ou qualquer outro artifício discriminador. Segundo Marcuschi (2008), ao produzirmos um enunciado, desejamos que ele seja compreendido, ou seja, que produza sentidos e novos enunciados, para que exista uma interação entre os falantes.

Nesse artigo pretendemos examinar como a cultura, em uma perspectiva intercultural e sem ser pelo viés do estereótipo, pode ser trabalhada no ensino de língua estrangeira, focalizando as festas religiosas como caminho plausível e instigante para esse aprendizado. Instigante, porque se trata de um tema sempre polêmico, mas que não queremos com isso que haja mal-entendidos em nossas aulas. Em outras palavras, debater, interagir, aceitar as diferenças existentes com relação a este tema. Ao final colocamos nossas expectativas quanto a esse ensino, sabendo que está inacabado e merece muito mais reflexões, as quais em projeto próximo gostaríamos de explicitá-las.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Pretendemos com este trabalho, contribuir para a ampliação das discussões acerca de uma prática de ensino de caráter intercultural, em consonância com Serrani (2010). Buscamos, assim, distanciar-nos de uma perspectiva instrumental de ensino de ELE, tal como postula Celada (2002). Sendo assim, ao propor a interculturalidade no ensino de língua estrangeira, pensamos a língua como interação social, não somente manifestações artísticas, tais como – literatura, pintura, cinema, música, que comumente são chamadas de “*A cultura*”, mas manifestações dela, marcas do sistema cultural na discursividade (DE NARDI, 2007).

Portanto, defendemos um ensino de língua, onde as aulas sejam pensadas em uma perspectiva intercultural, ou seja, compreender a sua cultura em primeiro lugar (SOLER-ESPIAUBA, 2006), para depois ser tomado por essa nova cultura, podendo assim dialogar, compreender e interagir com a cultura do outro. Compreendendo dessa maneira as semelhanças e diferenças existentes, aceitando-as, perturbando-se com as diferenças, mas sempre tendo em mente a interação e aceitação do outro.

Não uma aprendizagem mecanizada, porque isso nos leva a imitação, e a imitação é um risco muito grande, que nos leva ao estereótipo, podendo nos levar ao ímpeto de: *[...] nos perdermos no caminho da imitação, do estereótipo, da idealização do espaço do outro ou, o extremo oposto, na indiferença em relação à sua cultura.*” (DE NARDI, 2007, p. 67).

Segundo Celada (apud GUIMARÃES, 1989, P. 428), *“[...] não é o sujeito, mas sim a discursividade que faz a língua funcionar [...]”*, portanto o ensino de língua estrangeira não deve dissociar-se da perspectiva discursiva. No entanto, o discurso que se tem utilizado nas aulas de ELE, são textos retirados de seu suporte original, com a intenção de apresentar regras gramaticais, ou às vezes são usados como interpretação textual para vestibulares. Contudo, essas questões praticamente são respondidas na própria pergunta, não existindo por parte do aluno a imersão na cultura, mas uma ilusão de controle do saber do outro (DE NARDI, 2007).

Porquanto, essa ilusão do saber do outro por meio de regras ou de estereótipos tem levado o ensino de língua estrangeira a um desencontro do que é realmente ensinar tendo a cultura como base. Pensamos que a diversidade cultural deva existir nas aulas de ELE, mas com um pensamento crítico, contestador, que nos leve à reflexão. Mais uma vez tomamos a posição de Celada (2002), que não podemos tomar a prática docente de espanhol com um intuito de levar o aprendiz ao conhecimento meramente comercial e instrumental dessa língua.

Ao contrário, esse estudo deve ser voltado para que possamos perceber como a cultura de cada país é rica em interações sociais, e observamos que através das festas religiosas, o quanto nossa cultura está interligada a cultura de nossos vizinhos.

Compreendemos que a enunciação em língua estrangeira leva o aprendiz, dentro de uma perspectiva intercultural, a um enfrentamento de sua própria cultura. Mais do que um enfrentamento cultural, não podemos esquecer dos aspectos ideológicos e das memórias discursivas (SERRANI, 2010), que atravessam os



enunciados, pois o aprendiz não pode se esquecer de sua língua materna, que sempre se coloca como opositora ao novo. Entretanto essa oposição visa criar oportunidades de enfrentá-lo, fornecendo ao aprendiz condições de buscar na sua língua as opções de enunciados que contrastarão com os da língua meta, existindo assim uma imersão tanto na sua, como na cultura do outro.

Mas, o que são essas “*memórias discursivas?*”, para a compreensão de interculturalidade esse termo representa e são: “[...] *aquilo que está inscrito no sujeito juntamente com/nas palavras da língua materna.*” (SERRANI, 2010, p. 19). Ainda de acordo com essa pesquisadora, essas memórias discursivas são as responsáveis pelo estranhamento que o aprendiz encontrará na aprendizagem de uma língua estrangeira. Esse estranhamento será natural na aprendizagem, não podendo ser considerado erro quando o aprendiz ou o professor falar em sala de aula na sua língua de origem. Uma vez que, como já dissemos a língua materna não pode simplesmente desaparecer porque estamos aprendendo uma língua estrangeira.

O mesmo pensamento aparece nas considerações de Paraquett (2010), em seu artigo publicado em 2010 para o Ministério de Educação do Brasil, quando afirma que:

[...] identidade cultural da língua estrangeira precisa ser trabalhada de forma que o aprendiz se valha dela para intensificar o seu processo de pertencimento cultural ao ambiente no qual vive. Não fosse assim, a aprendizagem de uma língua estrangeira desestabilizaria aos aprendizes. Mas, lamentavelmente, é possível que haja ainda hoje quem acredite que aprender língua com cultura é **sair de si para ser o outro**, como se isso fosse possível. (PARAQUETT, 2010, p. 143).

Observamos, então, que são vários os autores que defendem o ensino de língua estrangeira através da cultura. Entretanto, com uma diferença do que é realizado nas escolas, e nos livros didáticos, ou seja, devemos partir conjuntamente da cultura do aprendiz e da qual ele deseja ser tomado, para chegarmos preparados e aceitarmos a cultura do outro. Esse outro é tão heterogêneo como o aprendiz, e, portanto, sujeito às modificações constantes que os enunciados produzem. Já que a língua, bem como os falantes, não é inerte, pois por meio da interação vai se renovando, repensando as culturas já existentes, ou seja, ressignificando-as,

Aprender uma língua estrangeira requer que o aprendiz e também o professor estejam preparados para um enfrentamento. Esse enfrentamento se dá porque

começamos a perceber que certas questões em nossa maneira de pensar, não são iguais quando começamos a aprender/conhecer outras línguas e outros povos. Em razão disso, como professores de ELE, devemos demonstrar aos alunos que, com base na interculturalidade poderão aceitar e compreender as diferenças linguísticas existentes, sem levá-las ao estereótipo.

Desse enfrentamento decorre a dificuldade maior que nós brasileiros possuímos ao aprender ELE. Nesse ponto vale a pena colocar uma observação feita por Revuz (1998), que nos parece pertinente para compreendermos a importância de ensino intercultural, e a nossa proposta de utilizar as festas cristãs para esse estudo, tornando o ensino de línguas uma forma de interação social e intercultural. *“O que se estilhaça ao contato com a língua estrangeira é a ilusão de que existe um ponto de vista único sobre as coisas, é a ilusão de uma possível tradução termo a termo, de uma adequação da palavra à coisa.”* (REVUZ, 1998, p. 224).

Ao examinarmos essa afirmação, compreendemos que, em nosso caso como professores de ELE, refletir sobre o papel da cultura na prática docente é cada vez mais necessário. Ou seja, temos uma possibilidade de discussão inesgotável para trabalhar em sala de aula.

Por meio de nossa pesquisa observamos que vários procedimentos até hoje são utilizados em aula de ELE, por exemplo: música, filmes, tirinhas, textos e mais textos, mas muitas vezes fora do contexto, usados como pretexto para análises gramaticais.

Nossa proposta com a interculturalidade é proporcionar aos aprendizes a possibilidade de discutirem, examinarem as características linguísticas de ambos os povos. Dessa maneira, esperamos que os mesmos sintam prazer em conhecer uma nova língua. Esse prazer passa por esse estranhamento citado, mas ao mesmo tempo trará a inquietação, trará a descoberta. Também mostrará, como dito anteriormente, que há várias maneiras de dizer, e essas maneiras de dizer que em nosso subconsciente já aprendemos em nossa língua materna.

Na língua estrangeira farão com que pensemos e ativemos, como mencionado anteriormente, nossas memórias discursivas (SERRANI, 2010). Por citar memórias discursivas, Revuz também chama atenção para esse fato, mesmo utilizando uma terminologia diferente, ela citará *“Um deslocamento das marcas anteriores.”* (REVUZ, 1998, p. 223).

Portanto, a cultura que está enraizada no indivíduo terá, ao entrar em contato com o outro, essa possibilidade de se fortalecer, questionar, ter uma dimensão maior que simplesmente dizer que sabe falar essa outra língua. Podemos dizer que a interculturalidade está presente mesmo que não a conheçamos dessa maneira. Necessitamos promover diálogos com essa cultura que estamos conhecendo, pois ao sermos tomados por ela, a nossa cultura com a qual convivemos e somos vividos em nossa língua se desenvolverá muito mais.

Vale a pena ressaltar a diferença existente entre os termos multiculturalismo e interculturalismo, que são usados na sala de aula para tentar relacionar língua e cultura no ensino de língua estrangeira, e o termo utilizado por nós que é a interculturalidade.

Essas observações foram feitas por Paraquett (2010), quando faz distinção entre multiculturalismo e interculturalismo:

De acordo com a autora, essas palavras possuem significados muito distintos no que diz respeito à cultura e ao ensino de língua estrangeira, o que para nossa hipótese de utilizar as festas cristãs é muito relevante. Vejamos o termo multiculturalismo e sua definição:

“O multiculturalismo é determinado pela co-presença de várias culturas num espaço concreto, mas cada um com seu estilo e modos de vida diferentes.” E” por fim, entende-se por interculturalidade a interrelação ativa e a interdependência de várias culturas que vivem em um mesmo espaço geográfico.” (PARAQUETT, 2010, p. 144).

O que gostaríamos de reforçar é que a interculturalidade é mais viável em sala de aula, porque levará o aprendiz a não aceitar incondicionalmente a cultura do outro como um estereótipo, muito pelo contrário, o fará refletir, analisar sobre e não somente aceitá-la.

Ter essa interdependência é que nos faz pensar a necessidade de termos mais variedades de língua espanhola em nossos livros didáticos, pois os mesmos utilizam em sua maioria exemplos vindos da Europa. A península é considerada como a responsável direta e indireta pela cultura que devemos aprender.

Nosso espaço geográfico está cercado por mais de vinte países de fala hispânica, sendo que esses países também foram colonizados como nós, também possuem influências religiosas herdadas dos habitantes anteriores à colonização.

Portanto, o ensino intercultural a partir das festas religiosas poderá trazer um maior entendimento e respeito por essas diversidades, proporcionando uma prática de ensino que prime pelo respeito às diferenças. Com e por meio da cultura do outro, compreender que o modo de cultuar o mesmo deus, não significa que esteja um certo e o outro errado. Este conceito de certo e errado é uma construção social e cultural estereotipada.

Portanto, compreendemos que a interculturalidade deve começar em nós mesmos (PARAQUETT, 2010), pois que existem várias maneiras de pensar e dizer um enunciado, e que quando aprendemos outra língua abrimos nosso entendimento para essa aceitação. E, portanto, criamos uma condição de vivência/convivência entre os povos muito melhor, mais solidários, mais humanos, mais enunciadores de palavras que tragam significados tanto para nós como para nossos ouvintes.

Com o propósito intercultural, o ensino de língua procurará partir simultaneamente da cultura do aprendiz e da cultura da língua a qual deseja promover, compreender, aprender e produzir enunciados com sentido. Isso nos levará a conhecer e compreender muito mais a nossa cultura, criando não uma aceitabilidade sem questionamento, mas uma aceitabilidade compreensiva das diferenças. Diversidades que a linguagem de cada povo, cada comunidade linguística possui e que lhe é particular, estando sempre em movimento por meio dos enunciados conhecidos e aqueles enunciados que serão criados em todo o momento.

## **METODOLOGIA**

Ao adotarmos uma metodologia de pesquisa bibliográfica, observamos que de acordo com o referencial teórico apresentado e discutido anteriormente, o professor de ELE necessitará aplicar em suas aulas uma prática docente intercultural. Descrevemos como as festas religiosas cristãs podem ser um ponto de partida interessante em nossas aulas de ELE. Defendemos que, por meio dessas festividades, o aluno poderá se expressar de forma espontânea, inscrevendo-se nas discursividades que se produzem em língua espanhola, percebendo que o território linguístico hispânico se mostra muito parecido com o de sua própria cultura.

A interculturalidade na prática docente se faz necessária. Uma vez que a língua é feita histórica e socialmente, devendo o aprendiz compreender essa historicidade

da língua que está almejando ser um falante. O aprendiz deve compreender que a linguagem o coloca em um complexo processo de constituição de um sujeito consciente da língua meta (ORLANDI, 2003).

A língua por ser heterogênea nos levará sempre há vários questionamentos. Esses questionamentos devem ser incentivados pelo professor em sua prática docente interculturalista. No entanto, não podemos abordar esses questionamentos em sala de aula analisando somente problemas gramaticais, de concordância etc. É necessário investigar culturalmente os textos, charges, tirinhas, músicas, o que seja, desde que façamos algo em que a cultura esteja presente. Pois, por meio da cultura, conhecemos o espaço de nosso interlocutor em outra língua, e também observamos o território desse interlocutor.

Baseados nisso, levantamos a hipótese de que as festas cristãs possuem uma característica de naturalidade, a qual poderá ser utilizada em nossas aulas de ELE.

Com o intuito de demonstrarmos que o professor de ELE deve ser um interculturalista, procuramos exemplos de como se poderia estudar e praticar essa interculturalidade através do livro didático. Como sabemos o livro didático é na maioria das vezes o único material de que dispõe o professor para ensino-aprendizagem de ELE. Esse fato é muito recorrente em escolas públicas. Pudemos observar isso no período em que tivemos a oportunidade (gratificante) de sermos estagiários/bolsistas do PIBID (Programa de Iniciação à Docência do Governo Federal).

Em razão disso, trabalhamos com a pesquisa bibliográfica, e análise de um livro didático afim de comprovar a hipótese de que as festas cristãs podem estar presentes em aulas de ELE em uma perspectiva intercultural.

Ressaltamos que no momento que apresentamos esse artigo, estamos compartilhando aulas de ELE em uma escola particular, localizada em um bairro de classe média da Cidade do Recife.

Com base nisso, apresentamos uma descrição do livro didático que utilizamos nessas aulas. Neste ponto é importante frisar que a quantidade de aulas que compartilhamos por semana, chegam somente a duas horas/aula. Em outras palavras, efetuar uma prática docente de forma interculturalista se torna uma tarefa que exige muita disciplina e interesse do professor de ELE. Mas não é nosso interesse debater essas condições, que já sabemos, pelas quais passam a grande maioria dos

professores de todos os componentes curriculares nas escolas brasileiras, sejam elas particulares ou públicas.

O livro didático pertence a FTD sistema de ensino: SIM: ensino médio: Espanhol: 1ª série, com ano de publicação em 2014. Doravante denominado LD.

Neste ponto, passamos a transcrever a estrutura do LD. Está dividido em 04 (quatro) módulos, correspondentes aos quatro bimestres do ano letivo. Em cada módulo são abordados temas gramaticais diversos. Todos os capítulos se iniciam por um texto (seja tirinha, letra de música, poema, etc.), pensamos que é com a intenção de que se possa ser observado o tema gramatical correspondente ao título do módulo.

Os capítulos que trataremos estão no módulo 3, onde é abordado o item gramatical: “*o pretérito indefinido y perfecto*”, e capítulo 4, cujo tema gramatical é: “*pronombre complemento I*”.

Passamos então, a apresentação dos resultados e discussões de nosso artigo, propondo a aplicação da interculturalidade no ensino de ELE.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Como vimos até aqui, nossa proposta de intervenção em aulas de ELE, parte de uma perspectiva interculturalista, tomando as festividades cristãs como manifestações culturais e discursivas. Sendo assim, procuramos no LD alguma seção em que pudéssemos encontrar algo relacionado com as citadas festas. Sabemos da dificuldade em encontrar temas como esse em livros didáticos, pois o tema, como já dissemos pode causar muitas controvérsias. No entanto, observamos que o LD possui dois capítulos que abordam de alguma maneira o tema religiosidade, ainda que um deles esteja totalmente fora do contexto da cultura religiosa tanto dos estudantes brasileiros, como dos estudantes hispânicos, como veremos.

Após essas informações passaremos então a análise do livro didático que utilizamos, para que possamos verificar se o mesmo se utiliza de um ensino-aprendizagem de forma interculturalista.

O texto apresentado no módulo 3 é um fragmento de uma crônica de Eduardo Galeano, escritor uruguaio, radicado na Argentina, que trata da criação do mundo conforme a visão dos povos andinos.

Em nossa visão interculturalista esse texto poderia haver sido uma ótima oportunidade de promover junto com os alunos um debate sobre um tema tão controverso, como a criação do mundo. O que não ocorre, uma vez que o LD traz somente algumas informações sobre o escritor, uma espécie de minibiografia e informações diversas sobre termos utilizados no texto e que fazem referência ao universo linguístico andino.

*“El yatiri.*

*Según me han contado aquí, el yatiri se hizo yatiri, aunque no lo quiso ni lo decidió. [...] Entonces cayó el primer rayo y él fue partido em pedazos. Después cayó el segundo rayo y los pedazos se reunieron, pero él no podía pararse. [...]. Viracocha creó el mundo y el rayo que cae, las piedras que se desploman, los ríos que arrasan sembradíos [...] (LD, p. 15. Módulo 3).*

Conforme podemos observar, trata-se de um tema bem apropriado para uma discussão mais aprofundada sobre a criação do mundo. A promoção de um debate entre os alunos, levando em consideração a concepção religiosa de cada um, resultaria em um enriquecimento cultural muito grande, pois poderiam trazer para esse debate, livros, histórias e muitas outras observações linguísticas.

À proporção do desenvolvimento do debate, poderíamos trazer à tona, a situação em que se encontram os índios que vivem no Brasil. Como vemos suas religiões e crenças? bem como sua grandiosa diversidade cultural. Como podemos observar a cultura está sempre presente em nossas aulas de ELE, e a interculturalidade traria informações e interações entre os alunos.

Portanto, não encontramos no *corpus* analisado uma tentativa de interculturalidade e interação social, ou seja, o tema não é colocado em uma perspectiva interculturalista, que promova no aluno um interesse, uma curiosidade, um desejo de conhecer o outro em sua profundidade linguística e cultural.

Quando chegamos ao capítulo 4, é onde observamos que não somente a interculturalidade não está presente, como também o texto utilizado. Em nosso modo de pensar, o mesmo não tem nenhuma relação com as culturas tanto de origem do estudante, bem como da cultura meta.

O autor do LD se utiliza de um texto que traz informações sobre a comunidade “AMISH”. Uma sociedade que vive nos Estados Unidos da América, possuindo características de vida muito peculiares. Defendemos que esse assunto diz respeito a outras culturas (anglo-saxônica). Não queremos com isso dizer algo contra a

importância desse tema, mas se estamos em aulas de ELE, os temas deveriam ser culturalmente relacionados aos povos latino americanos. Portanto, entendemos fora do contexto cultural brasileiro e hispânico.

Porquanto, como o tema gramatical do capítulo se trata do uso de *“pronombre complemento I”*, entendemos que a utilização de um texto no qual se pudesse analisar uma festividade religiosa, ou outro tema relacionado a cultura traria mais oportunidades de interação entre os alunos, e em consequência disso, uma aprendizagem e prática de ensino intercultural.

*“Amish*

*Atrapados en el tiempo.*

*Cuando todo el planeta pisa el acelerador, en una pequeña comunidad del interior de los Estados Unidos aprietan freno. [...] Eso le llevó a fundar en 1693 la comunidad amish [...] por sus convicciones religiosas. (LD, p. 3, Módulo 4).*

Não queremos com isso dizer que, em todo o livro não há uma tentativa de fazer com que o aluno se interesse pela cultura hispânica. O que estamos dizendo é que, se o professor de língua não estiver preparado para ser um interculturalista, ele seguirá metodicamente o livro. Também devemos levar em consideração que a quantidade de aulas que um professor de ELE ministra não passa de duas, quando muito, três por semana. Devemos, pois, como professores de ELE, aproveitarmos o máximo de tempo de que dispomos para colocar a cultura e a interculturalidade em nossas aulas.

Portanto, observamos que no LD apresentado existe uma tentativa de configurar o texto como algo importante. Mas não é demonstrado como o sujeito é histórica e socialmente formador daquele texto apresentado.

Salientamos que não é nossa intenção desqualificar qualquer livro didático, pois como professores, sabemos das dificuldades para ministração de aulas. Ratificamos que deveríamos tentar em realidade fazer com que nossas aulas sejam mais interativas, nas quais se promova um debate sobre os aspectos culturais em suas diversas nuances, rompendo com o lugar do estereótipo.

Concluindo, discutimos até aqui que a interculturalidade é necessária para o ensino de ELE e, com isso, procuramos demonstrar com base na literatura apresentada que o sujeito linguístico é afetado social e historicamente por sua cultura. Essa cultura, dentro da prática docente em aulas de ELE, será apresentada



simultaneamente com a cultura da língua materna do aluno, e a cultura da língua que o mesmo deseja ser tomado. Expomos que, com essa prática possibilitaremos ao aprendiz e conseqüentemente também ao professor que questionem, indaguem, reflitam o porquê da cultura do outro ser importante. Uma vez que essa cultura é tão igual e ao mesmo tempo tão diferente da sua.

Salientamos que nossa proposta de ensinar ELE por meio das festas religiosas se faz pertinente. Ao lermos a bibliografia especializada, pudemos observar que esse tema não é recorrente. Portanto pensamos ser relevante o seu uso em sala de aula.

Os resultados obtidos nos mostram que devemos utilizar mais variáveis linguísticas hispânicas em nossas aulas de ELE. Observamos que, se ficarmos restritos aos textos convencionais, e se colocarmos os textos somente com intuito de análises gramaticais e linguísticas estruturais, o aluno-aprendiz não desenvolverá sua capacidade interpretativa, nem tampouco aumentará seu conhecimento cultural. Dificultando, assim, as suas múltiplas possibilidades de inscrição dos discursos que se materializam na língua estrangeira.

Concluimos que a interpretação de enunciados não é uma simples extração de informações linguísticas (MARCUSCHI, 2008). É necessário que o aprendiz seja tomado pela cultura da língua a qual pretende atingir uma comunicação efetiva. Essa comunicação será feita com base em questionamentos, erros, que exigirão do estudante esforço, determinação e interação cultural.

Como vimos, a interculturalidade nos traz várias oportunidades em nossa prática docente. Vimos também que as festas religiosas cristãs podem ser utilizadas nas aulas de ELE. No entanto, observamos que não pretendemos utilizar essas festividades para fomentar uma discussão religiosa. Nossa intenção foi registrar que a espontaneidade discursiva é marcante nessas interações sociais.

Portanto, a interculturalidade ao ser utilizada em nossas aulas de ELE, nos levará a compreender, entender, aceitar que ao produzirmos um enunciado, qualquer que seja, desejamos que ele seja compreendido (MARCUSCHI, 2008). E as festividades cristãs possuem em sua materialidade linguística e cultural essa capacidade interpretativa para os alunos/aprendizes de ELE.

Claro que não queremos criar confusões, pois se trata de um tema extremamente delicado. Mas, que nos dá oportunidades para refletir em nossas práticas sociais, acadêmicas e compreendermos que a diversidade faz com que nos

tornemos mais sensíveis aos modos e maneiras de pensar e de sentir dos outros. Principalmente na complicada relação de emitir comentários e enunciados que não provoquem ressentimentos e raízes de amargura entre os povos.

O processo de ensino-aprendizagem de caráter intercultural em aulas de ELE nos levará a perceber que existem regras discursivas culturais da língua com as quais pretendemos dialogar, interagir, e que essas regras discursivas ditam o que é possível dizer ou não. Essas regras discursivas nos ajudam a compreender que nem tudo o que dizemos pode ser tolerado ou aceito em outra cultura. Que o estereótipo não condiz com a verdadeira cultura de um povo.

Finalmente, estudar uma outra língua é tornar-se sujeito dessa língua e dessa cultura, sem esquecer ou abandonar a sua própria, uma vez que as duas se complementam.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi Kharshedji. A outra questão. In. \_\_\_\_\_. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 105-129.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2016.

CELADA, María Teresa. **O espanhol para o brasileiro: uma língua singularmente estrangeira**. Tese de doutorado. Campinas: IEL/Unicamp, 2002.

\_\_\_\_\_, (2009). O que quer, o que pode uma língua - Língua estrangeira, memória discursiva, subjetividade. *Letras (UFSM)*, v. 37, p. 37-56.

DE NARDI, Fabiele Stockmans. **Um olhar discursivo sobre língua cultura e identidade**. Reflexões sobre o livro didático para o ensino de espanhol como língua estrangeira. Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2007.

**Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado** / Inês Signorini (org.) – Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. – (*Série Letramento, Educação e Sociedade*).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão** / Luiz Antônio Marcuschi. – São Paulo. Parábola Editorial, 2008.

Mundo Educação. Dia de reis. <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-reis.htm>. Acesso em 15 jun. 2018.

**O ensino de línguas: concepções & práticas universitárias.** / organização Vera Moura, Maria Cristina Damianovic, Virgínia Leal. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010. 334 p.: il., fig., graf., quadros. - (Coleção Letras).

**O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas** / Reinildes Dias, Vera Lúcia Lopes Cristovão (organizadoras). – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

ORLANDI, Eni Pucinelli .1942 **Análise de discurso: princípios e procedimentos/** Eni P. Orlandi. – Campinas, SP: Pontes, 5ª edição, 2003

\_\_\_\_\_. (1998), Eni Puccinelli “Identidade linguística escolar”.In. SIGNORINI, Inés (org.) **Lingua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de letras Fapesp, p. 203-212.

PÊCHEUX, Michel, 1938-1983. **O discurso: estrutura ou acontecimento** / Michel Pêcheux; tradução: Eni P. Orlandi – 5ª Edição, Campinas, SP. Pontes Editores, 2008.

REVUZ, Christine, “**A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o riso do exílio**”. (trad. Por Sila Serrani) in SIGNORINI (org.) **Lingua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras: Fapesp, p. 213-230, 1998.

Romanos, Henrique. FTD sistema de ensino: SIM: **ensino médio: Espanhol: 1ª série: Livro do professor/Henrique Romanos.** -1. ed. São Paulo: FTD, 2014.

SERRANI, Silvana. **Discurso e cultura da aula de língua / currículo – leitura – escrita**, Silvana Serrani, 2ª Edição – Pontes Editores, Campinas, SP: 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941 – **Metodologia do trabalho científico** / Antônio Joaquim Severino. – 23 ed. rev. e atualizada – São Paulo: Cortez, 2007.

SOLER-ESPIAUBA, Dolores. **Contenidos Culturales en la Enseñanza del Español como 2/L.** Madrid, 2006.

